

## Coleção Vidas em cordel:

A coleção Vidas em Cordel, parte integrante da exposição de mesmo nome, é uma homenagem aos 30 anos do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida. Os depoimentos, transformados em versos por Jonas Samaúma, fazem parte de um acervo com mais de 18 mil histórias de vida. Para visitar o Museu da Pessoa e saber mais sobre esta e outras histórias, acesse [www.museudapessoa.org](http://www.museudapessoa.org) ou aponte seu celular para o Qrcode abaixo:



## FRANCISCA NAWA: UMA BIBLIOTECA DA AMAZÔNIA



## JONAS SAMAÚMA



## Ficha Técnica:

Autoria: Jonas Samaúma  
Curadoria: Museu da Pessoa  
Xilogravura: Artur Soar  
Designer da Logo: Mariana Afonso  
Diagramação: Cordelaria Castro  
Impressão: Gráfica e Editora Cinelândia  
Revisão e Consultoria:  
José Santos e Marco Haurélio

Realização:



MUSEU DA  
PESSOA

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



**Jonas Samaúma** é contador de histórias, rezador, educador ambiental e escreve livros desde criança, tendo publicado 6 livros e 2 cordéis: "Ganesha" e "Lula Livre - O Dia Em Que Chico César Libertou o Brasil". Aprendeu a arte de cordelizar na íntima convivência com seu pai José Santos e no período que morou com o mestre do cordel Manoel Inácio do Nascimento no Ciclovida, sertão do Ceará. É criador do *Poetarot* e *Contarot de Histórias* e um dos criadores do Programa Vidas Indígenas no Museu da Pessoa. Para conhecer o trabalho do autor siga o instagram @jonasamauma ou escreva para o email: jonas.samauma@gmail.com

**Artur Soar** é baiano nascido em Salvador, descendente direto de gravadores de pedra da Chapada Diamantina. É amante da cultura popular e além de gravador é músico, compositor, capoeira e poeta. Conheceu a arte vendo seu pai entalhando pedras ardósia, e suas aventuras com a gravura começaram nos primeiros anos em que viveu em Lençóis-BA. Integrou diversas exposições coletivas na Bahia e teve sua primeira exposição individual internacional em Brighton-UK (2019). Participou e ganhou prêmios pelo Brasil, como o prêmio IBEMA de Gravura em Curitiba-PR (2015); exposição de 30 anos do Museu Casa da Xilogravura - Campos do Jordão-SP (2017) e o concurso de Artes Plásticas do Goethe Institut - Porto Alegre-RS (2019). O reconhecimento nacional do seu trabalho rendeu a indicação para ser professor de Xilogravura do maior e mais célebre atelier gráfico da Bahia: oficina do Museu de Arte Moderna da Bahia.

Ele não estava extinto,  
Mas de maneira nenhuma.  
Não mataram todo mundo,  
Tinha sobrevivido uma,  
E hoje em dia o povo Nawa  
Arrodeia a Samaúma.

E luta pela sua terra  
E pra ter o que comer,  
Está firme, está forte,  
Continuando a viver  
E dos saberes do pote  
Francisca guarda o poder.

E mantém a tradição  
Com uma força verdadeira,  
Está procurando alunas  
Pra ensinar a ser parteira.  
Ela é do povo Nawa  
A mais velha raizeira.

## FRANCISCA NAWA: UMA BIBLIOTECA DA AMAZÔNIA



Há muitos povos indígenas  
Que vivem em todo o Brasil,  
Mas a saga desse povo  
Não sei se você ouviu  
Sobre a etnia dos Nawas  
Que por pouco não sumiu.

Era em Cruzeiro do Sul  
Que o povo Nawa morava,  
Mas o racismo era forte,  
Naquela época imperava  
E o ódio contra o indígena  
Bem ligeiro se espalhava.

Começou a crueldade,  
No nazismo foi igual,  
Seguiu-se a perseguição  
Do invasor torpe e brutal.  
Foi gigantesca a matança  
Nessa encarnação do mal.

Pois a bala do assassino  
Raramente ela se cansa,  
Sede de sangue era intensa,  
Foi muito tensa a matança,  
Ceifando a vida do homem,  
Velho, mulher e criança.

Esse conflito em Cruzeiro  
Causou tal destruição,  
Verdadeiro genocídio,  
Após uma escravidão,  
Disseram até que os Nawa  
Encontraram a extinção.

A Francisca se espantou  
Com essa revelação;  
A antropóloga insistiu,  
Cheia de convicção,  
E acabou que foi certa  
Essa sua intuição.

E muitos anos depois  
Esse dia então chegou  
E o menino Raílson  
Um cacique ele virou,  
Daria um outro cordel  
As batalhas que travou.

Quando quiseram criar  
Grande parque nacional  
E expulsar os moradores  
De uma forma trivial,  
Ela disse que era Nawa  
De um povo tradicional.

Além de aprender segredos  
Da casca do cumaru,  
E de virar caçadora  
De cobra surucucu,  
Ela viveu muita história  
Quando morou no Peru.

Uma vez uma antropóloga  
Que estava em uma viagem,  
Encontrou dona Francisca  
Ao longo de sua passagem  
E fez uma profecia  
Quando disse uma mensagem:

"Tá vendo esse seu filho  
Que tem apenas dois anos,  
Será cacique do povo,  
Reduzirá muitos danos,  
Será grande liderança  
Destaque entre os humanos”.

Mas não teve um dilúvio  
Quanto mais Noé com arca;  
A violência foi bem forte,  
Deixando profunda marca,  
Porém sobrou Mariana,  
Dos Nawa a matriarca.

Pra Serra do Divisor  
Correu ela feito atleta,  
Pois lá, quem sabe, os patrões  
Podiam deixá-la quieta;  
Onde formou a família  
Na qual Francisca foi neta.

O verso abre universo  
Do alto da Serra do Moa  
E nos saberes das plantas  
Tem de ervas grande coroa:  
Francisca Carneiro Nawa  
É biblioteca em pessoa.

E morando na floresta  
Bem na beira do rio Moa,  
Seu pai era seringueiro  
Não passava o dia à toa  
Trabalhava pela mata,  
Construía sua canoa.

Vivia em meio a floresta,  
Não era nenhuma praça;  
Todo dia ia à luta,  
Pois nada vinha de graça,  
Encontrou algo diferente  
Quando foi atrás de caça.

Empenhado na procura,  
Tava de mãos abanando,  
Não achava a sua caça  
E viu que estava rodando  
E pra toca da jiboia  
Ele ia se encaminhando.

06

Pouco de sabedoria  
Um parente, com perícia,  
Lhe disse para no ouvido  
Guardar bastante malícia:  
Arapuã cantou à noite  
É sinal de má notícia!

Francisca não teme cobra,  
Por ser uma benzedeira,  
Vive curando seus filhos  
Com saber de raizeira;  
Também coleciona causos  
No caminho de parteira.

Acontece da parteira  
Se assemelhar ao pajé;  
Um dos partos mais difíceis  
Precisou de jeito e fé,  
Foi de tirar um menino  
Que estava nascendo em pé.

11

Agora se vem a gripe,  
Tão ligeira que nos lasca,  
O sujeito no molejo,  
No fraquejo que se enrasca,  
Francisca faz lambedor  
Do Cumarú com a casca.

Ela teve treze filhos,  
Nem grande, pequeno, médio,  
Nenhum foi para hospital,  
Quanto mais criado em prédio;  
Se algum tivesse problema,  
Ela fazia o remédio.

Por exemplo, um de seus filhos,  
Que fora desenganado,  
Quando levantou da cama,  
Bastante adoentado,  
Só com o chá da Macela  
E outras ervas foi curado.

Porém quando percebeu  
Esse mortal endereço,  
Precisou despistar cobra,  
Pela vida tinha apreço,  
Deu dois tiros para o alto  
Vestiu a roupa do avesso.

Mas a Francisca Carneiro  
De cobra não tinha medo,  
Pois no decorrer da vida  
Aprendeu bastante cedo  
Reza pra não ser picada  
E guardou esse segredo.

Um dia ela vai pescar  
Para ver se algo marisca,  
Porém um enorme estrondo  
Assustou dona Francisca  
E ainda sua lamparina  
Ficou num pisca não pisca.

Teve um estrondo enorme  
E causou tal comoção:  
Um ser relinchou bem forte,  
Parecia assombração  
Acendeu a lamparina  
Com uma só oração.

Em um outro dia desses  
Pulou pra praia, ligeira,  
Ela teve que ser ágil,  
Rapidez foi verdadeira,  
Fugindo da Cobra Grande  
Cuja fome era certa.

Antes de entrar no mato  
Já começa a se benzer,  
Faz uma oração forte  
Pro bicho não lhe morder  
E de ferrão peçonhento  
Conseguir se proteger.

Benzimento tem poderes  
Palavras fazem manobras,  
Sua espingarda protege  
Do veneno e suas obras,  
Caçando surucucus,  
Venceu trinta e oito cobras.

Seu marido foi caçar,  
Cachorro o acompanhou  
E na hora de voltar,  
Uma onça lhe pegou,  
E sem sequer cochilar  
A onça na hora caçou.

E tem vezes que a doença  
Dá aquela derrubada,  
Mas pra Francisca Carneiro  
Isso é o mesmo que nada  
Pra inflamação, Copaiba  
É uma santa garrafada.